O CATOLICISMO E A IGREJA CATÓLICA NO BRASIL À LUZ DOS DADOS SOBRE RELIGIÃO NO CENSO DE 2010

Carlos Alberto Steil[1]
Rodrigo Toniol[2]

Resumo: Neste artigo analisamos os dados sobre catolicismo divulgados pelo censo brasileiro de 2010. Diante dessas estatísticas e de outras obtidas a partir do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social, problematizamos os argumentos que consideram a diminuição dos católicos na sociedade brasileira como um problema de adequação da resposta da instituição aos desafios da evangelização ou da falta de vocações ministeriais para atender às demandas religiosas do povo. Alternativamente, consideramos o enfraquecimento da relação entre a instituição católica e o catolicismo popular tradicional como um aspecto fundamental desta diminuição.

Palavras-chave: Catolicismo popular; Igreja Católica; Censo 2010.

Abstract: In this paper we analyze the data on Catholicism of the 2010 census in Brazil. From these and other statistics of the Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social, we confront the arguments that consider the reduction of Catholics in Brazilian society as a problem of adequacy of the institution or as a lack of ministerial vocations. Alternatively, we consider the weakening of the relationship between the Catholic institution and popular Catholicism as a fundamental aspect of this decrease.

Keywords: Popular Catholicism; Catholic Church; 2010 Census.

A constatação de que a proporção de católicos no país vem diminuindo a cada novo censo já não guarda qualquer originalidade. Os dados estatísticos estão aí como uma prova inconteste: os católicos representavam 82,96% da

[1] Doutor em Antropologia Social. Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: steil.carlosalberto@gmail.com

[2] Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. E-mail: rodrigo.toniol@gmail.com

população brasileira em 1990, em 2000 reduziram seu percentual para 73,60% e, em 2010, apenas 64,60% dos brasileiros se declararam católicos.[3] Essa queda constante tem sido interpretada por diferentes atores sociais, religiosos e acadêmicos de distintas maneiras, especialmente no momento em que as estatísticas sobre religião são divulgadas, como aconteceu em 2012 em relação aos dados do censo de 2010. Para além das evidências numéricas, os censos têm estimulado a produção de reflexões e de textos que situam a queda do catolicismo num quadro mais amplo de mudanças culturais e sociais da sociedade brasileira asseveradas ao longo da segunda metade do século XX (Sanchis, 1994; Teixeira, 2005). Neste sentido, pode-se observar um esforço significativo de tais intérpretes em distinguir a evidência dos números sobre os católicos da tradição e presença do catolicismo como referência cultural no Brasil.

Assim, ainda que se constate a diminuição da população católica, não se pode afirmar que o catolicismo deixou de figurar como uma das referências religiosas estruturantes da nacionalidade e da cultura nacionais. Contudo, será que este lugar do catolicismo na sociedade brasileira se manterá indefinidamente? Ou devemos aprofundar a questão numa tentativa de compreender qual a incidência que a diminuição dos católicos, que se iniciou em 1872, de uma forma muito sutil, e se acelerou a partir de 1970, está produzindo sobre o papel do catolicismo na conformação da cultura brasileira?[4] Será que a reiteração da queda de católicos nesta longa série histórica dos censos nos permite afirmar hoje a perda da hegemonia católica como definidora de uma certa identidade nacional? Num texto de 1994 sobre a cultura católica brasileira e o avanço do pentecostalismo, Pierre Sanchis cita um trecho de um discurso do Padre Júlio Maria, proferido em 1900, em que o eminente sacerdote afirmava que "o catolicismo formou a nossa nacionalidade. [De

[3] Dados disponibilizados pelo IBGE em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 10 nov. 2012.

[4] Levando em conta os dados divulgados pelo IBGE e processados pelo CPS/FGV, a comparação entre os anos de 1872, 1880, 1890, 1900, 1910, 1920, 1930, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000, 2003 e 2009 apresenta, em todos os intervalos, quedas na participação de católicos na população brasileira. Disponível em: <http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2012.

modo que] um ideal de pátria brasileira sem a fé católica é um absurdo histórico tanto como uma impossibilidade política" (Sanchis, 1994, p. 35). Com certeza, estamos longe desse contexto cultural em que a tradição católica podia ser afirmada como referência incontornável da nação brasileira e condição do exercício da política. Para Sanchis, a emergência e instituição de um campo religioso cada vez mais diverso no país foi um fator decisivo para a desidentificação entre o catolicismo e a nação brasileira.

A REPRODUÇÃO DO CATOLICISMO E A EMERGÊNCIA DE CAMPO RELIGIOSO PLURAL

À margem da instituição, por um processo cultural levado a cabo por agentes leigos, organizados em irmandades, associações, folias, reisados, congadas, capelinhas de beira de estrada, santuários presididos por monges e beatos, o catolicismo se reproduziu no Brasil como um movimento com certa autonomia em relação à Igreja Católica enquanto instituição eclesiástica. Por meio da pastoral de desobriga, os padres e missionários confirmavam o sistema católico popular, dispensando os sacramentos e difundindo o código moral religioso. Esse catolicismo popular extensivo constituiu-se na fonte de legitimação e de autoridade da Igreja Católica na sociedade brasileira. Produziu-se, assim, uma relação de complementariedade entre uma cultura católica, que criou as condições para a reprodução da crença e as disposições para o reconhecimento da instituição como legítima representante do catolicismo.

Assim, por muitas décadas, a Igreja Católica acreditou que a reprodução do catolicismo popular era algo que se dava de forma "natural", como decorrência da cultura e da tradição católica, enraizadas na alma do povo brasileiro. Se havia algum problema com o catolicismo, ele estava relacionado com a "ignorância religiosa do povo" e com a falta de agentes clericais capazes de fazer chegar até a massa dos católicos, por meio da catequese, os dogmas da igreja e os valores de um código moral a ser internalizado em suas consciências. Se havia uma diminuição no número daqueles que se diziam católicos, constatada em cada novo censo, era porque a evangelização e a catequese não

eram suficientemente organizadas e fortes para fazer chegar ao povo a verdade divina da revelação, da qual a instituição se proclama legítima portadora.

O argumento que propomos neste texto, no entanto, vai no sentido contrário ao de que a diminuição dos católicos na sociedade brasileira seja fundamentalmente um problema de adequação da resposta da instituição aos desafios da evangelização ou da falta de vocações ministeriais para atender às demandas religiosas do povo. Acreditamos que há um problema estrutural que se evidencia no nível da cultura e da relação da instituição católica com o catolicismo popular tradicional. Em relação à cultura, observamos que o catolicismo encontra cada vez menos recursos e instituições tradicionais locais para sua reprodução enquanto religião. Uma situação que pode ser atribuída tanto à mudança da demanda religiosa dos indivíduos, que vem passando por um processo crescente de racionalização, quanto à secularização de muitas das instituições religiosas locais que, muitas vezes, passaram a operar no registro do folclore, do turismo ou mesmo dos movimentos étnicos e sociais.

Quanto à relação dos católicos populares tradicionais com a instituição, constatamos uma quebra dos laços de complementariedade que legitimavam a Igreja Católica como representante da extensa população de pobres que se declaravam católicos por tradição no espaço político e social. A emergência de um campo religioso diverso não apenas tornou tal representação questionável pelos demais agentes religiosos concorrenciais, como também instituiu, no seio da cultura popular, uma divisão religiosa. Enfim, a crise do catolicismo não se reduz ao desmantelamento de um universo de representações, mas acompanha a destruição de um consenso no nível da crença e das relações sociais que, até a década de 1970, estava assegurado pela maioria absoluta de católicos no meio popular.

Soma-se a esse processo mais amplo, próprio da dinâmica secular da cultura e da sociedade, a diminuição expressiva daqueles que buscam o sacramento do batismo para os seus filhos ou o sacramento do matrimônio para selar a sua união na constituição de uma nova família. Se, por um lado, o recuo da função sacramental da Igreja Católica pode ser atribuído à força da secularização e ao surgimento de outras fontes de legitimação simbólica e ritual dos momentos cruciais na vida dos indivíduos modernos, por outro, ele

também resulta de uma mudança na compreensão da Igreja Católica de sua missão na sociedade. Ou seja, se no contexto da hegemonia católica sobre a cultura e a produção de valores e significados a Igreja Católica compreendia a sua missão como a de legitimar, por meio da dispensa dos sacramentos (especialmente o batismo e o matrimônio), a cultura e a religião popular, no contexto religioso concorrencial a sua missão passa a ser compreendida fundamentalmente como a de transformar as consciências dos indivíduos pela evangelização e a inserção em comunidades de fé. Dispensar o sacramento do batismo, por exemplo, a filhos de pessoas que não manifestam disposição para assumir uma identidade católica explícita e militante, passou a ser considerado por setores significativos do clero um equívoco pastoral que precisaria ser sanado. Deste modo, na medida em que o sacramento do batismo se torna uma prerrogativa de poucos, e não mais um direito de todos que partilham de uma cultura católica comum, o número daqueles que se declaram nos censos como católicos tende a diminuir, assim como os duplos pertencimentos religiosos que permitiam a identificação sacramental com o catolicismo e o pertencimento pela prática a uma religião de matriz africana. Enfim, a diminuição dos católicos tem a ver também com a mudança na economia sacramental da Igreja Católica e sua relação com a sociedade.

A IGREJA CATÓLICA DIANTE DA CRISE DO CATOLICISMO POPULAR

Resta ainda uma pergunta: estaria a Igreja Católica consciente de que não se pode mais constatar empiricamente a hegemonia do catolicismo no seio das camadas populares? Por longos anos, a Igreja Católica interpretou a diminuição do número de católicos como uma questão institucional, ao mesmo tempo em que tomava como um dado natural a reprodução do catolicismo popular tradicional. Assim, as respostas da Igreja para enfrentar a situação têm sido sobretudo de ordem pastoral. Num viés interpretativo mais cultural, os dirigentes eclesiásticos vão propor uma mudança na relação da instituição com o povo. Tal mudança pode compreender tanto o movimento de acolhida e valorização dos rituais e devoções populares – como um

ponto de partida da evangelização – quanto uma proposta de *inculturação* mais radical de convívio e inserção dos agentes religiosos e clericais no meio popular, num processo de identificação e de testemunho.

A resposta de caráter mais institucional investirá no alargamento e distensão da Igreja Católica numa tentativa de inclusão de um número cada vez mais expressivo de católicos tradicionais nas paróquias e nos movimentos eclesiais, como espaços privilegiados de formação, esclarecimento da fé e vivência sacramental. A partir dessa perspectiva, as ações propostas se situam entre dois pontos extremos dentro de uma linha de nuances possíveis. Num dos extremos, estão aqueles que propõem uma "igreja de esclarecidos e conscientes", que aderem ao catolicismo a partir de uma opção de fé, no seio de uma comunidade de eleitos. O modelo proposto é o de uma religião que se organiza como uma congregação ou uma empresa de salvação de almas e de produção de convicções num campo religioso concorrencial. No outro extremo, estão aqueles que propõem diversificar o ministério sacerdotal e estendê-lo a outras categorias de pessoas: mulheres e homens casados. Reiteram, assim, a perspectiva de que o problema é vocacional e que poderia ser enfrentado por meio da presença mais capilar da instituição no meio popular pela mediação de agentes instituídos e delegados pela instituição.

Há, no modelo congregacional, uma perda considerável em termos do sentido e função que tradicionalmente o batismo teve na sociedade brasileira. O sentido moderno de religião, que se funda sobre a escolha livre e a adesão dos indivíduos a uma comunidade de fé, vem difundindo-se, nestas últimas décadas, de uma forma progressiva entre as classes populares, substituindo o sentido da religião como uma tradição que se impõe a partir da cultura. Neste contexto, o sacramento do batismo, como um ritual que se impõe por sua eficácia simbólica e sua força performativa, sacralizando a existência humana e confirmando os valores morais e os laços sociais partilhados por uma nação, perde seu caráter público e coletivo, passando à esfera das consciências individuais. Desse modo, ser católico se desvincula cada vez mais da tradição e de um modelo de religião que vem perdendo a sua plausibilidade. O que nos permitiria dizer que os dados do censo sobre o catolicismo estariam apontando mais para a crise de um modelo de religião do que para

uma falha na ação pastoral da Igreja Católica. Ao formularmos tal argumento, no entanto, não estamos afirmando que a Igreja Católica não tenha problemas, mas apenas queremos chamar a atenção para um processo mais amplo de caráter social e cultural que a transcende. Ou seja, não estamos propondo uma volta ao passado, a uma pastoral da desobriga, por exemplo, mas indicando que o fato de cada vez menos brasileiros se reconhecerem como católicos nos censos está fundamentalmente associado ao sentido e ao lugar que a religião passou a ocupar na sociedade moderna.

A CRISE DO CATOLICISMO COMO UM PROCESSO DE *DESTRADICIONALIZAÇÃO*

Nosso argumento, portanto, é que estamos vivendo hoje, no Brasil, um processo de metamorfose da cultura católica, que tem impedido a transmissão do catolicismo por via da tradição. Uma constatação que Alphonse Dupront, como lembra Otávio Velho, já havia sugerido como chave de entendimento da crise do cristianismo na Europa (Velho, 1997; Dupront, 1993), mas que no Brasil adquire um sentido próprio. Estaríamos, assim, presenciando o movimento "de uma *destradicionalização*, que se identificaria menos com a simples quebra da tradição e mais com a reflexividade e consequente perda de alinhamento automático com a tradição" (Velho, 1997, p. 55). As condições e predisposições atuais apontariam para práticas e experiências religiosas que se configuram a partir dos indivíduos enquanto sujeitos livres, capazes de optar por um caminho entre os muitos que se apresentam como possibilidades em seu horizonte existencial. O holismo católico, que tendia a incluir e abarcar em seu sistema de crenças e ritos alteridades religiosas como a magia ou a bruxaria, parece dar lugar à emergência de um campo religioso em que as diferenças se legitimam a partir de disputas internas e em sua relação com outros campos sociais, especialmente o campo político.

A diminuição constante de católicos deverá ser interpretada, portanto, como parte de um processo cultural bem mais amplo que ultrapassa tanto a possibilidade de controle da Igreja Católica sobre a perda de fiéis, quanto a ação dos novos agentes religiosos ou o sucesso das igrejas e grupos que os

atraem e congregam. Mas, se as raízes da crise são culturais, é preciso ter em conta que "a relação entre cultura e religião", como nos lembra Sanchis, "não é uma relação simples ou direta" (Sanchis, 1994, p. 53). Assim, se podemos afirmar que a diminuição dos católicos vem enfraquecendo a força cultural do catolicismo na sociedade brasileira, também é preciso ter presente que essa diminuição é produzida pelas transformações que vem se operando no âmbito da própria cultura e na forma como a religião se configura nos tempos atuais.

Nesse mesmo sentido, Philippe Portier, num artigo recente em que analisa as transformações do religioso na França contemporânea, interpreta as mudanças que vêm ocorrendo naquele país, depois dos anos de 1960, como um processo de *desubstancialização da civilização católica*. Trata-se, na visão desse autor, de "uma dupla crise que atinge ao mesmo tempo a capacidade de atração interna e de influência externa do catolicismo" (Portier, 2012, p. 196). Ainda que se deva diferenciar a especificidade do processo de secularização na França daquele que vem ocorrendo no Brasil, há alguns elementos comuns que se podem ressaltar como pontos de aproximação ou diferenças entre os dois países e que ajudam a interpretar os dados do censo.[5] Entre os elementos comuns, pode-se citar a diminuição crescente de pessoas que se declaram católicas, o que permite que se fale, em ambos os contextos, de uma crise de transmissão do catolicismo no nível da cultura, especialmente no seio das famílias e das associações laicas que foram importantes focos de difusão dos valores católicos na França e nos continentes que eram identificados como territórios de missão.

Todavia, enquanto na França a crise cultural do catolicismo coincide com a crise institucional de diminuição de vocações sacerdotais e religiosas,

[5] Os dados estatísticos sobre a religião na França não são muito diversos daqueles que encontramos nos censos brasileiros. Em 1952, 90% da população francesa se identificava como católica. A paisagem, no entanto, não é mais a mesma alguns decênios mais tarde. Em 1981, a porcentagem já cai para 70%; e não é mais do que 42% em 2008, com modulações importantes segundo as idades (as gerações mais velhas são nitidamente mais católicas do que as gerações mais novas), o local em que habitam (o mundo rural é mais católico do que o urbano), o sexo (as mulheres permanecem um pouco mais católicas do que os homens) (Portier, 2012, p. 196).

no Brasil, a crise cultural que observamos não produz nem uma diminuição vocacional nem uma retração institucional da Igreja Católica na sociedade. Há que se mencionar ainda a diferença nos dois contextos do destino daqueles que deixam de se autodeclarar católicos. Na França, aqueles que já não se reconhecem como católicos vão engrossar as fileiras dos que se declaram sem religião, que representam 50% da população (Portier, 2012, p. 201), enquanto no Brasil eles vão sobretudo para as religiões pentecostais.[6]

Em ambos os contextos nacionais, a categoria dos sem-religião designa mais as pessoas não filiadas a uma religião específica (*unchurched*) e menos as pessoas totalmente secularizadas. Muitas dessas pessoas são hoje testemunhas de uma espiritualidade laica que se dissemina concomitantemente com o movimento de desregulamentação institucional das religiões e de autonomia dos sujeitos que estabelecem seus próprios itinerários religiosos. Ou seja, é a partir do ditame de suas consciências, dentro de um universo autorreferenciado, e não a partir de uma lei externa, de uma instituição religiosa, que esses sujeitos estabelecem sua relação com Deus e com um código moral.

OS DADOS E SUA INTERPRETAÇÃO

Nas páginas seguintes buscaremos mostrar, por meio do cruzamento dos dados do censo de 2010, produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com os resultados de algumas pesquisas do Centro de Estatística Religiosa e Investigação Social (CERIS)[7], que a crise do catolicismo situa-se, sobretudo, no âmbito da cultura, a qual já não oferece as condições indispensáveis para a sua reprodução dentro do modelo de religião que foi hegemônico no país até a segunda metade do século passado. Assim, ao contrário do que se tem afirmado com frequência, a crise do catolicismo

[6] Embora o percentual de 8% de pessoas que se afirmam sem religião no Brasil também mereça destaque. A França tinha o mesmo percentual que o Brasil tem atualmente de autodeclarados sem religião em 1950 (Portier, 2012, p. 201).

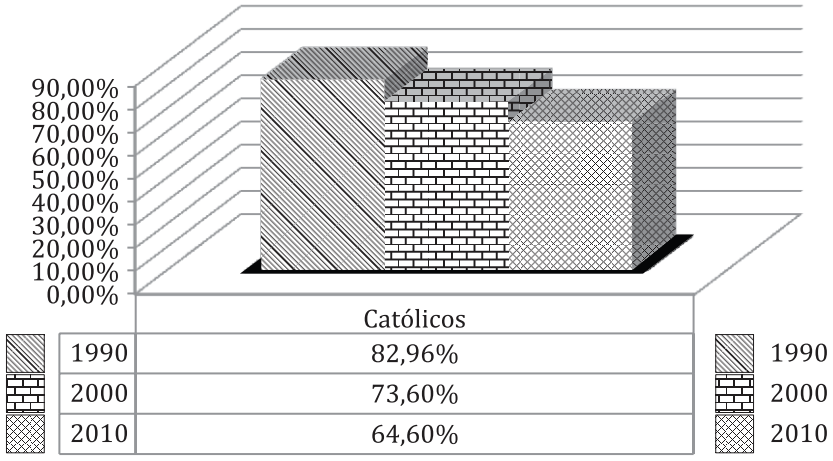
[7] Censo anual da Igreja Católica no Brasil, pesquisa realizada pelo CERIS e disponível em: <http://www.ceris.org.br/pdfs/analise_censo_igreja_2011.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2012.

no Brasil não é institucional, de falta de vocações clericais ou de transmissão do conteúdo da fé católica na perspectiva da ortodoxia romana.

Como veremos, pelos dados que destacamos nos gráficos que apresentamos em seguida, a Igreja Católica vem crescendo significativamente por meio de novas paróquias, criadas nas últimas décadas, e conta atualmente com um percentual de padres por habitantes no país que jamais teve em toda a sua história. Ou seja, ao mesmo tempo em que diminui o número de católicos, a instituição tem conseguido se reproduzir e crescer.

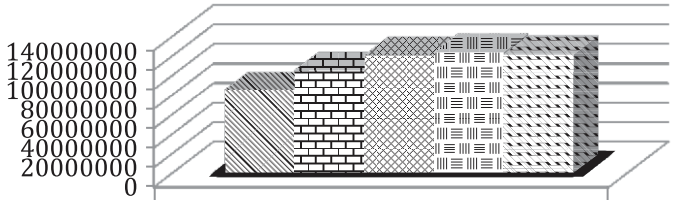
A série histórica dos censos do IBGE confirma a queda progressiva e constante do número de católicos no Brasil. Se tomarmos como referência os censos de 1990, 2000 e 2010, perceberemos um contínuo decréscimo, de quase 10% a cada censo, da população católica no país. Contudo, embora a diminuição dos católicos seja sistemática desde 1872, foi somente no censo de 2010 que o número absoluto de católicos diminuiu, passando de 125,5 milhões de pessoas em 2000 para 123,3 milhões em 2010, uma perda de 2,2 milhões de fiéis (gráficos I e II).

Gráfico I - Católicos no Brasil



Fonte: Gráfico produzido a partir de dados e microdados disponibilizados pelo IBGE

Gráfico II - População católica em números absolutos



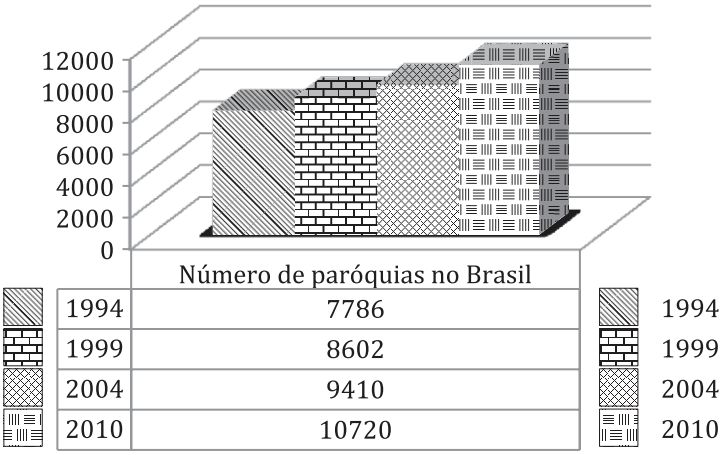
	População católica
1970	85678714
1980	105912408
1990	121865144
2000	124972189
2010	123213320

1970 1980 1990 2000 2010

Fonte: Gráfico produzido a partir de dados e microdados disponibilizados pelo IBGE

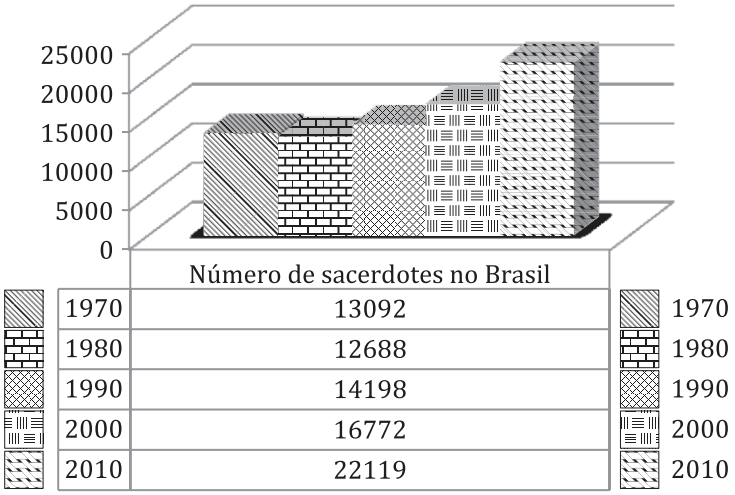
O argumento que vimos defendendo de que a crise revelada pelos números do censo é uma crise do catolicismo, e não da Igreja Católica enquanto instituição, torna-se mais evidente quando relacionamos os dados acima com os indicadores relativos ao crescimento do número de paróquias e de sacerdotes no país. Tomando como ponto de partida meados da década de 1990, observamos que o número de paróquias passou de 7.786 para 10.720. Isso é um aumento de quase 40% em 16 anos. Com relação ao número de sacerdotes, o aumento é ainda mais contínuo e expressivo. A partir da década de 1980 até 2010, o número de sacerdotes passou de 12.688 para 22.119, um aumento de mais de 60% (gráficos III e IV).

Gráfico III - Paróquias no Brasil



Fonte: Gráfico produzido a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

Gráfico IV - Sacerdotes no Brasil



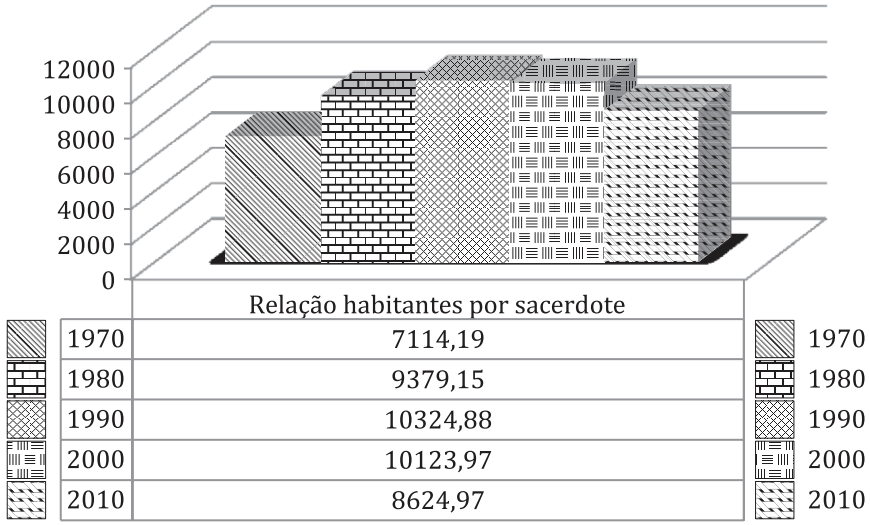
Fonte: Gráfico produzido a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

Durante muitos anos, a Igreja Católica investiu no recrutamento vocacional, na formação de padres, na estruturação e multiplicação de paróquias, com a expectativa de que esta estratégia pastoral e institucional seria capaz de não só fortalecer e qualificar a presença do catolicismo na sociedade, como também estancar a migração de católicos para outras religiões ou para o contingente dos sem religião. O cruzamento dos dados do censo do IBGE com os da pesquisa do CERIS, no entanto, mostra que essa equação que apontava para uma relação de causa e efeito entre o crescimento do clero e o do número de católicos no Brasil não é verdadeira. Quando o número de sacerdotes se torna maior em toda a história do catolicismo no país, o número absoluto de católicos diminui pela primeira vez desde que se iniciou a série de dados sobre religião nos censos. Enfim, isto vem confirmar um argumento muitas vezes reiterado na literatura sociológica sobre catolicismo popular tradicional, desde os anos 1970: que a reprodução do catolicismo dependia fundamentalmente dos agentes leigos, a que nos referimos acima, e não tanto do clero (Ribeiro de Oliveira, 1976, 1985; Beozzo, 1977; Azzi, 1976; Fernandes, 1982). Assim, na medida em que se institui um campo religioso concorrencial e diversificado de opções no meio popular, a reprodução destes agentes entra em crise e a manutenção do catolicismo leigo e popular como um elemento central da identidade cultural se enfraquece.

O gráfico V apresenta o número de habitantes por sacerdotes no Brasil, desde a década de 1970, incluindo, portanto, a totalidade da população, católicos e não católicos. Observa-se no gráfico que, desde 1980, tem havido uma proporção cada vez maior de sacerdotes por habitantes. Já o gráfico VI considera somente a proporção de sacerdotes pelo número de católicos, o que torna ainda maior essa proporção, visto que o número de católicos vem decrescendo enquanto a população brasileira ainda aumenta em números absolutos. Assim, se em 1980 havia 8.347 fiéis para cada sacerdote, em 2010 este número passou para 5.570. Este quadro, por sua vez, nos leva a considerar que, se o catolicismo popular tradicional, até os anos 1980, como o definia Ribeiro de Oliveira, podia ser caracterizado pelo dístico popular como uma religião com "muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre", hoje o aumento dos padres e das missas acontece concomitantemente

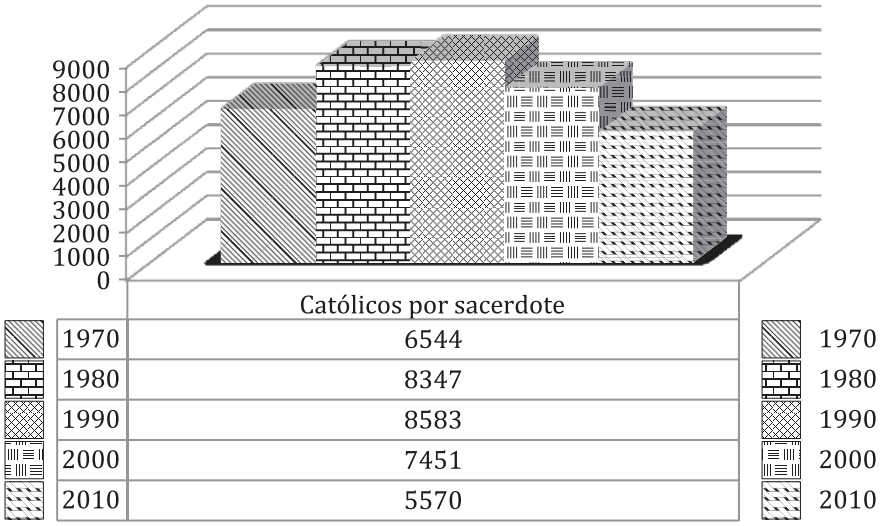
com a diminuição dos santos e das rezas. Não queremos afirmar que exista aqui uma relação de causa e efeito, mas apenas que o aumento de sacerdotes e o acesso aos sacramentos, especialmente a eucaristia, coincidem com a retração dos católicos e do catolicismo na sociedade brasileira, o que estaria apontando para um horizonte em que a Igreja Católica tende a se tornar maior do que o catolicismo no país.

Gráfico V - Habitantes por sacerdote



Fonte: Estatística produzida a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS e pelo IBGE

Gráfico VI - Católicos por sacerdote



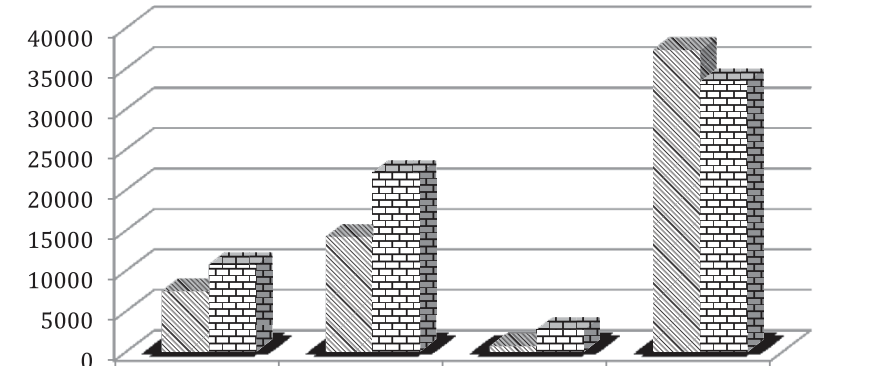
Fonte: Estatística produzida a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

A seguir, apresentamos uma sequência de três gráficos sobre o decréscimo do número de religiosas e sua relação com o aumento do número de sacerdotes que, na nossa avaliação, confirma o argumento que vimos desenvolvendo sobre o fortalecimento institucional e clerical da Igreja Católica, apesar da diminuição dos católicos. Neste sentido, as análises sobre o papel das religiosas na Igreja Católica destacam sua contribuição histórica e social na transmissão do catolicismo tanto por meio de obras no campo da educação e da saúde – colégios e hospitais – quanto por meio da catequese de crianças e da presença junto às comunidades eclesiais de base (Mariz; Machado, 1997). Com certa segurança, podemos afirmar que a secularização dessas obras, assim como a perda da hegemonia cultural do catolicismo no meio popular, contribuiu significativamente para a diminuição do número de vocações de religiosas no país.

No entanto, esses fatores não explicam por que isto não acontece com o clero – religioso ou diocesano – que cresce no mesmo contexto de secularização. A nossa interpretação, sustentada pelos dados das pesquisas

quantitativas que vimos expondo, é a de que o modelo hierárquico clerical masculino, que se fortalece e se impõe a partir dos anos 1980, no contexto do catolicismo no mundo e no país, reforçou a posição de subordinação e de inferioridade das religiosas no seio da instituição. Ao mesmo tempo, o avanço do movimento de mulheres e a difusão da igualdade de gênero como um valor moral e um direito político atravessam também a Igreja Católica, criando resistências e profundos questionamentos das religiosas ao seu machismo estrutural.

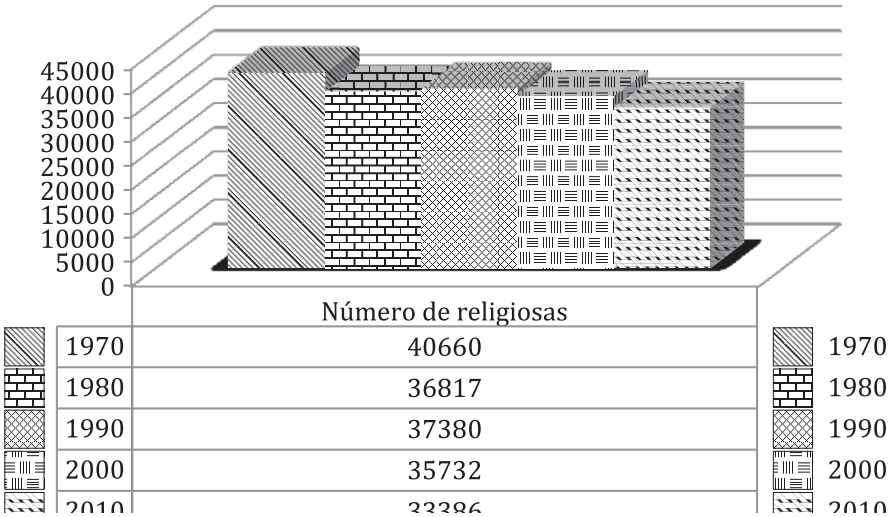
Gráfico VII - Estrutura eclesiástica



	Paróquias	Sacerdotes	Diáconos	Irmãs	
1990	7478	14198	632	37380	1990
2010	10720	22119	2711	33386	2010

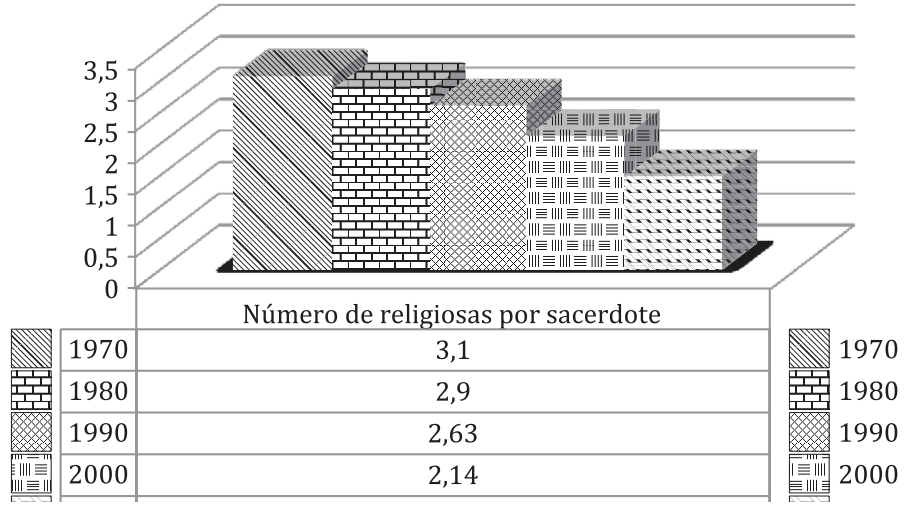
Fonte: Gráfico produzido a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

Gráfico VIII - Número de religiosas



Fonte: Gráfico produzido a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

Gráfico IX - Proporção de religiosas por sacerdote



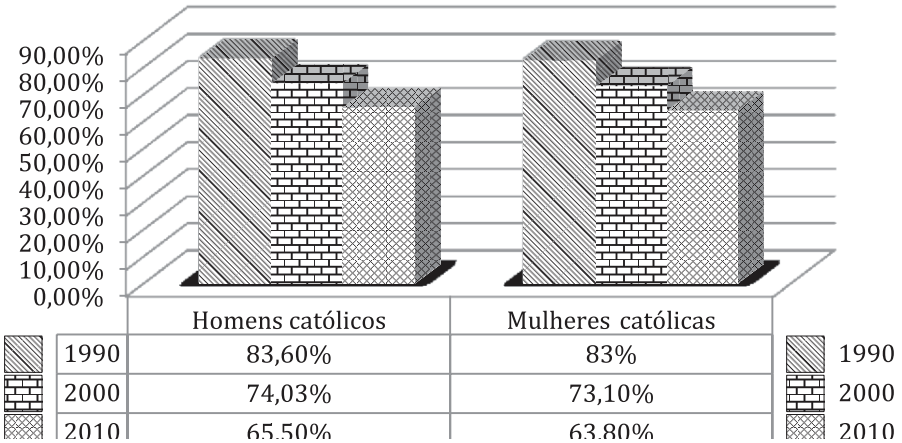
Fonte: Estatística produzida a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

Assim, como podemos observar no gráfico VII, num intervalo de vinte anos (1990 a 2010), há um crescimento no número das paróquias e de seus agentes clericais (sacerdotes e diáconos), enquanto diminui o número de religiosas. Ou seja, enquanto o número dos agentes masculinos aumenta, o das agentes femininas diminui. Já o gráfico VIII apresenta apenas números relativos às religiosas, e nele constatamos que sua diminuição ocorre desde a década de 1970. Por fim, o gráfico IX apresenta a proporção do número de sacerdotes em relação ao de religiosas, no intervalo de 1970 a 2010. Assim, se em 1970 havia 3,1 religiosas para cada sacerdote, em 2010 esta relação é de 1,5 religiosas para cada sacerdote.

Essa tendência à diminuição das religiosas em relação ao clero também pode ser observada no âmbito mais geral do catolicismo na relação entre homens e mulheres. Os dois gráficos apresentados abaixo mostram que o catolicismo está se tornando cada vez mais masculino. Assim, tomando como referência o gráfico X, observamos que, se em 1990 homens e mulheres praticamente se equivaliam na população católica do país (83,3% de homens e 80% de mulheres), nas décadas seguintes essa relação se inverte no sentido de um aumento de homens católicos entre os brasileiros, alcançando, em 2010, a proporção de 65,5% de homens e 63,8% de mulheres. Da mesma forma, o gráfico XI mostra que a diferença entre homens e mulheres no catolicismo vem aumentando em favor dos homens. Até a década de 1980, esta diferença era favorável às mulheres. O crescimento masculino, no entanto, se dá a partir de 1990, quando os dados mostram uma inversão na relação. Assim, se em 1990 havia 0,6 homem católico para cada mulher católica, em 2000 já era 1,2 homem para cada mulher e, em 2010, 1,7 homem para cada mulher. Pode-se concluir, portanto, que as mulheres católicas migram mais do que os homens para outras religiões. [8]

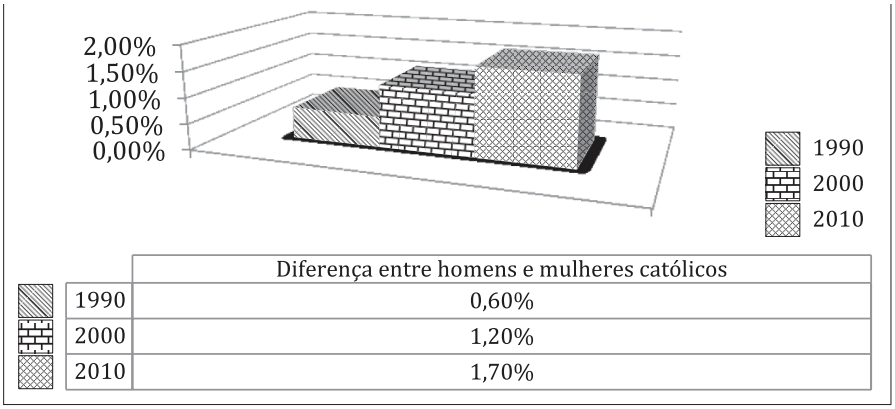
[8] Segundo os dados do IBGE, no censo de 2000, 13,69% dos brasileiros do sexo masculino se declaravam evangélicos; em 2010, essa porcentagem passou para 20,01%. Já a porcentagem de mulheres evangélicas era, em 2000, 17,09%; em 2010, esse número subiu para 24,01%.

Gráfico X - Homens e mulheres católicos na população brasileira



Fonte: Estatística produzida a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

Gráfico XI - Diferença entre o número de homens e mulheres católicos



Fonte: Estatística produzida a partir de dados e microdados disponibilizados pelo CERIS

Como se pode notar, ainda que o propósito deste texto não fosse tratar das questões de gênero na crise do catolicismo, estas se impõem a partir da leitura dos dados estatísticos. Poderíamos, assim, afirmar que o catolicismo não tem como enfrentar a sua crise sem levar em conta as

questões de gênero que emergem tanto no âmbito institucional, em relação ao decréscimo das religiosas, quanto no catolicismo como um todo, com a expressiva migração das mulheres católicas para as religiões pentecostais. Ainda que esses dois processos tenham causas e características diferentes, eles estão incidindo conjuntamente sobre a conformação da identidade católica como movimento cultural e como instituição. Ou seja, com o decréscimo das religiosas e a emigração das mulheres, a Igreja Católica se torna mais clerical e o catolicismo mais masculino.

REFERÊNCIAS

AZZI, Riolando. Eremitas e irmãos: uma nova forma de vida religiosa no Brasil antigo. *Convergência*, n. 89, p. 370-383, 1976.

BEOZZO, José Oscar. Irmandades, santuários e capelinhas de beira de estrada. *REB*, v. 37, n. 148, p. 741-758, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. Um estudo sobre religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1980.

DUPRONT, Alphonse. *Puissances et Latences de la Religion Catholique*. Paris: Éditions Gallimard, 1993.

FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do bom Jesus*. Uma introdução às religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MARIZ, Cecília; MACHADO, Maria das Dores Campos. Mulheres e práticas religiosas – um estudo comparativo das CEBS e Comunidades Carismáticas e Pentecostais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 34, 1997.

PORTIER, Philippe. Les mutations du religieux dans la France contemporaine. *Social Compass*, ano 59, n. 2, p. 193-207, 2012.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, Pedro. Catolicismo popular e romanização no Brasil. *REB*, v. 126, n. 32, p. 354-364, 1972.

_____. *Religião e dominação de classe*. Gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANCHIS, Pierre. O repto pentecostal à cultura católica brasileira. In: Antoniazzi, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios*: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 34-63.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 14-23, set./nov. 2005.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos. *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 43-62.